

Funcionalismo

Alzira Verthein Tavares de Macedo*

Resumo

O artigo disserta diferentes enfoques do termo "funcionalismo", aplicado aos estudos lingüísticos.

Introdução

Este artigo dirige-se especialmente a alunos de Letras e Lingüística, na medida em que faz um retrospecto dos diferentes enfoques do termo "funcionalismo" aplicado às áreas da linguagem. Como se sabe, linhas funcionalistas de estudos lingüísticos foram retomadas com ênfase nos últimos quinze anos, embora neles o termo 'funcionalismo' nem sempre apareça bem definido, cabendo, portanto, a presente retomada da questão.

Algumas concepções de funcionalismo na antropologia e na lingüística são repassadas, com um breve resumo do trabalho de autores que considerei como mais influentes no cenário brasileiro, sem pretender, contudo, esgotar toda a lista de autores que cresce a cada dia nessa linha.

1. O funcionalismo na antropologia

Não se pode falar de funcionalismo sem lembrar sua origem na antropologia, nos trabalhos de Malinowski (1922) e Radcliffe Brown (1952), que, por sua vez, foram influenciados por Durkheim (1984). Tais autores iniciaram uma reação ao evolucionismo, a conhecida teoria que Darwin propôs para a biologia e que, na primeira década deste século, representava o paradigma predominante até mesmo para as ciências humanas e sociais.

* Professora da Faculdade de Educação da UFJF - Doutora em Educação.

Na antropologia, os evolucionistas admitiam que o homem primitivo se aperfeiçoou, biológica e socialmente, até o estágio civilizado. Os trabalhos de Malinowsky e Radcliffe Brown mudaram o paradigma evolucionista e revolucionaram a área. Quando passaram a estudar os fatos culturais de cada grupo em relação às próprias instituições desse grupo, na verdade eles se tornaram os precursores da chamada antropologia moderna.

Malinowski estudou os trobriandeses, no Pacífico Sul, e buscou explicar cada fato cultural em função de outras estruturas sociais mais abrangentes. Sua postura pode ser definida como “teleológica” (termo chave no funcionalismo), pois adota uma abordagem que analisa e explica uma coisa em função de outra. Cada fato social foi explicado por Malinowski por sua função de satisfazer as necessidades humanas – os rituais religiosos para satisfazer o desejo de transcendência, a família para satisfazer a necessidade de reprodução, as instituições econômicas para viabilizar o trabalho coletivo, a troca da produção, etc.. Os trobriandeses tinham o ritual do Kula: viajavam para ilhas vizinhas numa região do Pacífico Sul, onde trocavam colares e pequenas peças. Acontece que estes colares circulavam pelas ilhas e voltavam às mesmas mãos de tempos em tempos. Esse ciclo foi descrito em função da possibilidade de outras trocas, sendo os colares e peças comparados às jóias da coroa britânica.

Malinowski procurou mostrar como, em cada tipo de civilização, cada costume, cada objeto material, cada idéia e crença preenche alguma função vital, tem alguma tarefa a desempenhar, representa uma parte indispensável num todo funcional.

Para compreender a cultura, ressaltou também a importância de estudar se a língua e sua estrutura, que espelharia categorias derivadas das atitudes práticas do homem em relação ao mundo. Nesse cenário, a fala era vista como um modo de ação e não a contraparte do pensamento. O sentido das palavras deveria ser extraído a partir de seus usos, sendo a função fundamental da língua, não tanto a expressão do pensamento, mas sim a sua função enquanto um meio de comunicação social.

Várias críticas foram feitas às abordagens funcionalistas dessa época, entre elas, à visão das culturas como organismos, à dificuldade em explicar por que as mesmas necessidades não levam a soluções semelhantes nas diversas culturas, à ênfase no “equilíbrio” ou estabilidade do todo, sem espaço para os conflitos e mudanças. Assim, por exemplo, Durkheim propôs o que chamou de “dianomias” (os momentos de conflito), vistas como fases, porque, em suas análises das sociedades, o importante era mostrar a adaptação ao sistema, a volta ao equilíbrio e normalidade.

Tais críticas não obscurecem, entretanto, a enorme contribuição desses estudos que, na verdade, criaram a antropologia social. Através do trabalho de campo, isto é, dos estudos ‘in loco’, as tentativas de compreender as diferentes formas de pensar puderam pela primeira vez ser examinadas

como alternativas válidas, sem a postura etnocêntrica do pesquisador: O homem trobriandês pôde ser comparado em condições de igualdade com o europeu. Abriam-se as possibilidades de comparação intra e interculturais.

2. O funcionalismo na Lingüística

As críticas que se fizeram ao funcionalismo na antropologia não se aplicam à lingüística, já que os lingüistas sempre foram conscientes das diferenças estruturais entre as línguas, não tendo-se submetido à metáfora do organismo biológico. Desde os primeiros funcionalistas do Círculo Lingüístico de Praga havia previsão de mudanças. Além disso, os grupos funcionalistas mais recentes já incorporaram em suas propostas o cabedal de conhecimentos adquiridos pela própria antropologia.

Na área da linguagem, o ponto central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis cognitivos e comunicativos. O que se procura é mostrar de que modo a estrutura gramatical espelha a situação comunicativa.

A grande oposição epistemológica se coloca entre posições funcionalistas e posições formalistas: De um lado, os funcionalistas procurando analisar a estrutura gramatical e a situação comunicativa. De outro, os formalistas, preocupando-se em descrever as características estruturais inatas (e por isso arbitrárias) da linguagem. Procura-se construir um modelo formal capaz de descrever os fenômenos gramaticais. Tal modelo acaba por constituir o próprio objeto da descrição. Segundo os críticos do formalismo, tornando-se a linguagem mero material com o qual se argumenta em favor do modelo selecionado.

Entretanto, é preciso especificar com que conceito de função trabalham os lingüistas funcionalistas, pois os termos “função” e “funcional” são utilizados em acepções diversas nas análises lingüísticas e raramente vêm acompanhados de definições explícitas.

Na seção abaixo, destaco especialmente três autores, Nichols (1984), Leech (1980) e Dascal (1984), que propõem tipologias distintas para o funcionalismo. Em seguida, resumo brevemente os trabalhos de autores funcionalistas que, em minha opinião, mais têm influenciado as pesquisas lingüísticas no Brasil. Finalmente, apresento as diversas críticas que, por sua vez, têm sido feitas ao funcionalismo na lingüística.

2.1. Tipos de funcionalismo segundo Nichols

Num excelente resumo sobre esse assunto, Johanna Nichols (1984) identifica cinco tipos de funcionalismo, dependendo do nível proposto para

explicar o fato lingüístico: 1) função como interdependência, 2) função como propósito, 3) função no contexto, 4) função como relação, e 5) função e significado.

Esses teriam um ponto em comum, que seria o estudo da linguagem em função de outro domínio. Todas as estruturas lingüísticas são investigadas a partir de sua inserção no âmbito mais amplo da comunicação.

O primeiro tipo – *função como interdependência* – inclui os trabalhos que estudam as interrelações ou covariações entre os fenômenos lingüísticos. Assim, por exemplo, a atribuição de casos como o ergativo ou acusativo dependente da interação entre fenômenos diversos tais como o conteúdo lexical, as relações de agente e paciente, a ligação entre as cláusulas e a manutenção da referência. Vale lembrar que as variáveis interdependentes são hierarquizadas. Muitos estudos funcionalistas tratam da interpelação de fenômenos gramaticais. O trabalho sobre a concordância nominal, ao mostrar a interrelação entre a posição no sintagma e o grau de saliência fônica do item, estaria inserido neste tipo.

O segundo tipo – *função/propósito* – categorizaria as investigações do uso lingüístico com um propósito volitivo. Um exemplo desse tipo seriam os estudos dos atos de fala, tanto na perspectiva de Austin, quanto na de Searle, quando esses apresentam a língua usada com a função de pedir, de admoestar, de ameaçar, ou seja, visando a algum objetivo na comunicação. As tipologias de funções da linguagem de Bühler ou de Jakobson também seriam enfoques da função enquanto propósito: função informativa, função fática, função poética, etc.

O terceiro tipo – *função/contexto* – focaliza a relação da linguagem com o contexto em sua acepção de evento, ou cenário extralingüístico, ou ainda a relação do uso da linguagem com o texto lingüístico. Por exemplo, as relações entre uso lingüístico e “status” social dos participantes, o estudo dos papéis na conversa, das categorias de polidez e deferência seriam enfoques de função em relação ao contexto enquanto evento. Pesquisas sobre a organização da narrativa, sobre as marcas de coesão ou sobre a continuidade do tópico ilustrariam a segunda opção, de texto enquanto contexto.

O quarto tipo – *função/relação* – mostra a relação entre um dado elemento e o sistema lingüístico como um todo. As análises que procuram mostrar de que modo os sintagmas nominais codificam as funções sintáticas de sujeito ou objeto, as propostas de como as formas podem codificar uma determinada função temática, ou de agente ou de paciente, ilustram essa quarta acepção de funcionalismo. De modo geral, podemos dizer que o estudo das funções gramaticais tradicionais incluir-se-ia nessa acepção.

O quinto tipo – *função/significado* – toma o termo “significado” em sentido amplo. Estariam aqui classificados os estudos sobre pragmática e contexto, que agregam uma grande diversidade de categorias semânticas.

Vale lembrar que os estudos funcionalistas recorrem também a explicações com base em fatores psicológicos e cognitivos, como facilidade de processamento, armazenamento na memória, etc., que sugerem um sexto tipo de função – o *funcional/psicológico*.

Além disso, não podemos esquecer que a função pode ser considerada em relação ao falante (nesse caso função seria o uso volitivo ou intencional da linguagem para atingir um objetivo), ou em relação ao ouvinte (teríamos então, pela escolha de determinada forma, um efeito “não volitivo” na comunicação). Função também é um termo que também pode referir-se à ‘categoria’ ou ‘estrutura da gramática’, no caso, ao “componente funcional” da gramática, em oposição ao componente fonológico, etc.

Uma distinção importante nos estudos funcionais diz respeito à direcionalidade da análise. Em princípio, pode-se partir do estudo da forma para identificar a função ou do estudo da função para identificar a forma. Na prática, no entanto, embora comumente defenda-se a tese de que a forma ou a estrutura seria decorrente da função, em geral, as pesquisas partem da forma para a identificação de suas funções.

2.2. Tipos de funcionalismo segundo Leech

I. *Formalismo extremado*: A linguagem é um sistema formal abstrato e as considerações funcionais são irrelevantes à sua investigação.
Nota: Evidentemente, essa seria a classificação dos trabalhos na linha gerativa

II. *Formalismo moderado*: A linguagem é basicamente um sistema formal abstrato. As análises funcionais devem buscar a relação entre o sistema formal e o uso.

III. *Funcionalismo formalista*: A linguagem é constituída de gramática e retórica. A gramática é definida como um sistema abstrato de regras para produzir e interpretar mensagens, enquanto a retórica como um conjunto de máximas que vão propiciar o sucesso na comunicação. A gramática pode-se adaptar às suas funções na medida em que ela possui propriedades que facilitam a operação das máximas retóricas.

(Nota: Nessa linha estariam os trabalhos de Tarallo, Kato et alii, 1992)

IV. *Funcionalismo moderado*: A linguagem é basicamente um sistema de interação social; o seu estudo como sistema formal não é irrelevante, mas deve ser encarado em bases funcionais.

(Nota: Trabalhos com essas características seriam os Voire & Naro, 1989 e o de Halliday, 1977), por exemplo.

V. *Funcionalismo extremado*: A linguagem é um sistema de interação social; considerações formais são periféricas ou irrelevantes para

a sua compreensão. (Nota: Aqui estariam os trabalhos de Givón e do grupo de Santa Barbara em geral).

2.3 Tipos de funcionalismo segundo Dascal

Dascal (1984) classifica o funcionalismo na lingüística com base em dois níveis: Se o que se deseja é explicar a comunicação, teríamos o *funcionalismo social*. Se o objetivo é explicar o uso da mente, teríamos o *funcionalismo mental*.

Nessa divisão, o trabalho de Malinowski, por exemplo, seria o de um funcionalista social. Já os trabalhos do Círculo de Praga estariam num nível intermediário entre o social e o mental (Mathesius, por exemplo, admite que, sintaticamente, como nem toda língua apresenta a os sintagmas na mesma ordem. Assim, se a ordem não se conforma aos princípios previstos para o *tema* e o *rema*, a explicação deve ser buscada em termos de princípios gramaticais (Firbas 1974). Outros lingüistas do Círculo de Praga preferem falar em “graus de dinamismo comunicativo” dos enunciados e estariam também enquadrados num tipo de funcionalismo entre o social e o mental.

Os funcionalistas do tipo mental estariam preocupados em descrever a função da linguagem na mente. Nesse enfoque, o sentido de uma expressão lingüística seria derivado de sua função no pensamento. Tal função teria que ser determinada em relação a um esquema conceptual total. Assim, a própria semântica, enquanto uma teoria da função cognitiva da linguagem, representaria uma tipo de estudo “funcionalista mental”.

Note-se que a “função mental” proposta por Dascal representa mais uma possibilidade de se entender a noção de “função”.

3. Influências do Funcionalismo no Brasil

Segue-se um resumo de algumas linhas funcionalistas que têm influenciado as descrições do português no Brasil nas últimas décadas:

3.1. O Funcionalismo de Praga

Recordemos, inicialmente, em traços gerais, o funcionalismo da Escola de Praga, criadora, na verdade, dessa linha na lingüística.

Já em 1928, lingüistas como Mathesius e Havrnek viam a linguagem no texto com parâmetros funcionais (função/propósito e função/contexto). O grupo de Praga também investigou a interdependência entre os elementos

no sistema e acabou por ser talvez até mais reconhecido por suas características estruturalistas do que por sua contribuição funcionalista (Havrnek, 1932).

Os lingüistas de Praga consideraram as funções da linguagem – expressiva, conativa e referencial, bem como elaboraram a noção de função no contexto: As noções de *tema* e *rema* foram propostas nesses primeiros estudos, que enfatizaram a necessidade de explicarem-se as formas no contexto.

Na relação forma-função, os lingüistas de Praga já mostravam, por exemplo, o plurifuncionalismo: pode haver uma relação biunívoca entre forma e função, (monofuncionalismo), pode haver a equivalência funcional – com uma função sendo comunicada por vários meios, ou o plurifuncionalismo, com um meio e várias funções. Essas possibilidades explicam os fenômenos da sinonímia e homonímia ou polissemia, que acabam originando as mudanças. Com os conceitos de função introduzidos pelos lingüistas de Praga, foi possível dar conta, tanto do caráter dinâmico da linguagem, quanto do seu caráter sistemático.

Nota: No Brasil, os trabalhos de Ilari seguem a linha do funcionalismo de Praga (Ilari, 1986)

3.2. O funcionalismo de Bolinger

O trabalho de Dwight Bolinger (1968) deve ser lembrado por sua contribuição, no contexto da lingüística americana, ao trabalho de funcionalistas atuais como Robin Lakoff, Gumperz, Chafe, Fillmore, autores que, mais diretamente, vêm influenciando os pesquisadores brasileiros).

Bolinger, 1968 salienta, por exemplo, como a entoação e a linguagem gestual estão envolvidas em níveis mais amplos da comunicação, ressaltando as relações entre a entoação de tópicos e comentários. O autor menciona os chamados “sinais de tráfego ou operadores” para certos itens discursivos e defende uma correspondência biunívoca entre forma e função, preocupa-se com as nuances semânticas no uso das formas em vários contextos: Mostra, por exemplo, que existem motivações pragmáticas para a escolha de nomes versus pronome em vários contextos, num trabalho de vanguarda no cenário da época em seu país.

3.3. O funcionalismo de Halliday

Outro representante importante e original da retomada do funcionalismo, desta feita na Inglaterra, é Halliday (1967; 1968). Halliday propõe uma gramática voltada para a organização das mensagens em sua

função comunicativa. Influenciado pelo britânico Firth, cuja obra datada de 1934, já apresentava nessa época a concepção de que é o uso da linguagem que lhe confere o significado.

Halliday defende que a estrutura da língua deriva de sua função, chamando atenção para três funções da linguagem: *ideacional* (expressão das relações lógicas), *interpessoal* (expressão de papéis, atitudes e participação na situação de fala) e *textual* ou metafunção (organização do discurso). Na classificação de Nichols, seu enfoque seria o de função/propósito.

Um quadro ilustrativo abaixo, mostra como esse autor analisa, na oração, as instâncias de transitividade, predicação, tema e informação:

- a) No sistema de transitividade (componente referencial (1967) ou ideacional(1977)):

João	estava jogando	a bola
causador/ator	processo	afetado/objetivo

- b) No sistema de predicação (componente lógico -1967-68, ou ideacional (1977)):

João	estava jogando a bola
sujeito	predicado

- c) No sistema temático (componente discursivo -1967 ou textual (1977)):

João	estava jogando a bola
tema	rema

- d) No sistema informacional (componente discursivo ou textual):

João	estava jogando a bola
dado	novo

Além da gramática funcional acima mencionada, Halliday, juntamente com Hasan (Halliday & Hasan, 1976) introduzem, num estudo sobre as formas de coesão no texto, a noção de "tessitura" do texto, num tipo de abordagem que seria também de natureza funcionalista, do tipo função/texto, na classificação de Nichols.

3.4. O funcionalismo de Givón

Givón, em *On Understanding Grammar*, de 1979 apresenta um manifesto contra o formalismo inatista chomskiano e pode ser tomado como representante de um funcionalismo mais extremado. Ali Givón rejeita

totalmente que as estruturas lingüísticas nos sejam dadas *a priori* e busca parâmetros explanatórios de natureza cognitiva e comunicativa para explicar as estruturas lingüísticas (função/psicológica, função/texto, função/propósito e função/evento).

Mais recentemente, esse autor se mostra menos radical, admitindo, pelo menos, a pré-existência de alguns elementos estruturais (Givón, 1991:2).

Givón tem tentado criar um modelo funcionalista, atendo-se cada vez mais a um grupo fixo de funções: aquelas de ordem cognitiva, como a marcação e a iconicidade, de um lado, e as de ordem comunicativa, como o grau de transitividade, a relação figura-fundo (plano), o grau de topicidade (informatividade) e o contraste, de outro.

Para fundamentar suas propostas, esse autor usa inúmeros fenômenos em línguas indígenas norte-americanas, línguas da África e da Nova Guiné, que ilustram translingüisticamente as funções mencionadas.

A influência de Talmy Givón tem sido decisiva nos trabalhos funcionalistas no Brasil.

3.5. O funcionalismo de Chafe, Thompson, Li e Hopper

Outra influência marcante nos trabalhos brasileiros é a do grupo de lingüistas da Universidade Santa Barbara: Wallace Chafe, Sandra Thompson, Charles Li, Paul Hopper entre outros, os quais podem ser vistos como discípulos de Givón. Esses pesquisadores também procuram mostrar que os fenômenos formais são decorrentes de fatores do contexto.

Chafe, já em 1970, havia publicado seu livro de semântica, o qual revela influência dos lingüistas de Praga, bem como de Bolinger. Nesse livro, propunha o enfoque da distribuição velho-novo no discurso, com atenção especial para a entoação.

Li & Thompson (1981) propõem a classificação das línguas de sujeito – as que gramaticalizam a função sintática de sujeito, e línguas de tópico, as que têm a noção discursivo-pragmática de tópico como proeminente. É de Li e Thompson (1976) a primeira gramática funcionalista, ou seja, a primeira aplicação em larga escala de uma descrição funcionalista que vai da estrutura para a função.

Hopper & Thompson (1980) defendem a hipótese da transitividade como um conceito de natureza escalar e discursiva, fruto da covariância entre dez parâmetros: os participantes, a ação, o aspecto, pontualidade, volicionalidade, afirmação, o modo, a agentividade, o grau de afetamento do objeto e a individuação do objeto.

(Nota: No Brasil, o trabalho de Eunice Pontes sobre o sujeito em português é baseado na proposta de Thompson).

3.6. O funcionalismo da sociolingüística variacionista

Os trabalhos realizados no âmbito da variação lingüística compartilham diversos aspectos funcionalistas. Em primeiro lugar, essa proposta nega a dicotomia entre competência e desempenho, já que o desempenho, embora variável, seria também sistemático e, portanto, explicável, tanto em termos estruturais, quanto sociais. Além disso, nesses trabalhos, os fenômenos variáveis que têm sido estudados, são sempre descritos em termos de outros níveis.

Labov (1966; 1972), criador e maior representante da sociolingüística variacionista, só admite o estudo da linguagem a partir de dados reais, observados dentro do contexto social. Para explicar a homogeneidade na heterogeneidade na língua, desenvolveu uma metodologia quantitativa para medir a atuação de fatores sociais e lingüísticos. A grande contribuição deste enfoque é o seu poder de previsibilidade: através da análise quantitativa, seria possível fazer uma previsão do que tenderia a acontecer, identificadas as variáveis.

O tipo de funcionalismo laboviano poderia ser descrito na classificação de Nichols como função/evento, função/texto, função/propósito e função/significado. Seria um tipo de funcionalismo moderado, que parte da forma para descrever as funções.

Em seus trabalhos iniciais, Labov formulava as regras variáveis adicionando-as ao aparato formal gerativista das regras de transformação. (nesta fase seria talvez um funcionalista do tipo "moderado" segundo Leech, já que admitiria a estrutura lingüística como sendo preexistente ao seu uso comunicativo.

Nos últimos 30 anos, no entanto, o trabalho de Labov tem sido revisto e alterado. Seu enfoque permanece caracteristicamente na exigência de que a língua seja estudada no contexto social, com explicações oferecidas segundo parâmetros que podem estar fora da estrutura lingüística.

Nota-se, porém, que, ultimamente, Labov vem relativizando a força da contribuição funcional (no sentido de explicar como quais os fatores facilitam a comunicação) e reavaliando a força da contribuição puramente estrutural ou "mecânica" para explicar de uma série de fenômenos. São objeto de crítica as explicações funcionais vagas ou pouco fundamentadas, que remetam simplesmente para as "intenções do falante" sem comprovações independentes, ou que criem funções *ad hoc* para explicar os dados. Por outro lado, apresenta resultados de estudos que confirmam a força do "estrutural" ou "formal", isto é, usos que parecem condicionados por fatores mecânicos, que nada teriam a ver com a "necessidade de facilitar a comunicação", esta sim, uma explicação funcional (Weiner & Labov, 1983). A título de exemplo, citem-se as formas em estruturas paralelas que podem manter-se, mesmo em prejuízo da economia ou eficiência na comunicação.

De qualquer modo, no entanto, mantém-se a proposta inicial de identificar, ou mesmo prever, o que probabilisticamente tende a acontecer em fenômenos variáveis, com base no contexto.

Tão importante quanto o trabalho de Labov, e certamente mais explícito quanto às etapas propostas pelos funcionalistas para o surgimento da gramática a partir da pragmática é o de Gillian Sankoff (1980). Foi dela o primeiro estudo a situar, em termos atualizados, a noção de "gramaticalização", demonstrando as etapas da mudança de uma forma discursiva em pronomes relativos no Tok Pisin, língua da Nova Guiné que surgiu como um "pidgin" e evoluiu para uma língua crioula.

As linhas funcionalistas acima listadas são, em resumo, as que considero mais influentes nos trabalhos no Brasil.

(Nota: Muitos autores funcionalistas importantes poderiam ainda ser citados, especialmente os participantes do chamado Círculo de Praga, por seu pioneirismo. Remeto o leitor ao trabalho de Dirven & Fried (1987) para referências bibliográficas mais completas sobre as várias linhas de funcionalismo em lingüística.

Além desses, autores como García (1975), Hyman (1975), Foley & Van Valin (1984), Silva-Corvalán (1982; 1983), Kuno (1982), Dik (1989) têm influência menos marcante sobre os linguistas brasileiros; mas devem, entretanto, ser citados como representantes do enfoque funcionalista.

Mais recentemente, os autores a linha da gramaticalização podem também ser incluídos como funcionalistas. Para linhas mais recentes da gramaticalização, remeto o leitor para os trabalhos de Hopper & Traugott (1993), bem como os de Martelotta, Votre e Cezário (1996).

4. Críticas ao Funcionalismo

O funcionalismo, como qualquer modelo lingüístico consistente, tem recebido críticas dentro da própria lingüística. Passo a examinar as mais constantes:

- a) O funcionalismo não constitui um modelo.
Entre as razões dessa crítica estaria a falta de um elenco de parâmetros fixos – um conjunto de funções reconhecidas por todos a partir de argumentos fortes. Sem este conjunto de funções bem fundamentadas, estuda-se cada fenômeno lingüístico e, em seguida, procura-se uma razão específica para a sua ocorrência. A resposta a esta crítica seria o esforço de Givón em firmar esse conjunto de funções.

b) O que explica uma estrutura numa língua não é válido para outra. Para responder a essa crítica, haveria que se admitir que as línguas trazem um certo grau de estruturação, ou seja, uma posição “formalista”, que explicasse a arbitrariedade das diferenças entre as línguas do mundo. Nenhum funcionalista nega tais diferenças, mas, defende, mesmo assim, que a estrutura da língua seria consequência de algum outro nível (mais comumente o comunicativo). Como as explicações para a estrutura da língua são dadas geralmente no nível, ou da cláusula, ou da combinação de cláusulas, esse ponto fica mal explicado.

Um funcionalismo moderado teria que admitir que existiriam estruturas *a priori*, devidas a mudanças históricas, não explicáveis pelos princípios funcionais. Tal enfoque precisaria explicitar quais são essas estruturas.

c) Funcionalistas e formalistas têm objetos de estudo diferentes. No Brasil, um debate recente entre funcionalistas e formalistas apareceu na revista DELTA entre 1989 e 1992, a partir do trabalho de Votre e Naro (1989). Estes entendem que a ordem dos constituintes pode ser explicada por uma “sintaxe no discurso”.

Tal proposta foi contestada por Nascimento (1990), que defende a modularidade da sintaxe e explica os fatos apresentados por Votre e Naro como se devendo a uma diferença mais básica entre objetos de estudo. O objeto de estudo dos formalistas seria a *língua I* (língua interna), enquanto o dos funcionalistas seria a *língua E* (externa).

Uma réplica aos dois artigos foi feita por Dillinger (1991), que sugere uma terceira via: aceitar que o objeto de estudo seja idêntico, mas admitir, ao mesmo tempo, que, se os dois enfoques levantam problemas relevantes, uma “metateoria” deveria ser desenvolvida, capaz de englobar os princípios gerais desses dois níveis.

A essa réplica, Naro e Votre (1992) apresentaram uma tréplica, reafirmando que, de fato, o objeto de estudo seria o mesmo, pelo menos quanto ao estudo da ordem VS. No entanto, há uma grande diferença: é que os funcionalistas estudam o uso real da língua, a língua viva no discurso, e conseguiram estabelecer uma generalidade, partindo de uma categoria discursiva, ao passo que os formalistas, por considerarem a estrutura da língua como sendo fixa, não admitem a ordem VS para verbos transitivos. Para tratar desses casos, complicam o aparato e acabam por só observar uma língua “fossilizada” na sintaxe.

d) A língua pode não ser um “espelho da mente”. Essa é a principal crítica de Dascal (1984) ao funcionalismo. Sua linha de argumentação segue os seguintes passos: Já vimos que os behavioristas estavam errados em pensar que toda a estrutura da linguagem era decorrente dos estímulos e respostas: as estruturas sintagmáticas têm hierarquias, pode haver descontinuidade nos sintagmas. Da mesma forma, é possível que a estrutura sintática não seja espelho do que ocorre na mente. Embora muito se fale da “função mental da linguagem”, termos que admitir que a língua poderia não ser reflexo da mente. Pode-se pensar, por exemplo, na língua como um *software* que não tenha relação biunívoca com o *hardware*. Dascal, em complexa argumentação, apresenta esse como um dos pontos mais sensíveis a objeções nas propostas funcionalistas que apresentam a ordem velho novo como refletindo diretamente as etapas físicas de processar os pensamentos.

No entanto, apesar do longo capítulo de críticas ao funcionalismo, Dascal acaba por defender a necessidade de uma teoria do uso, seja no nível do que ele chama de “funcionalismo mental”, seja no do formalismo da gramática gerativa de Chomsky, ou, ainda, no nível que ele chama de “funcionalismo social”. O autor acredita que seria preciso elaborar melhor uma teoria do uso para associar os três níveis (módulo sintático, módulo conceptual e uso).

e) Há contradições na cronologia dos processos funcionais. Essa é outra crítica encontrada em Dascal (1984): O autor, primeiramente admite o mérito de se chamar atenção para o uso e o contexto, no processo de comunicação. No entanto, para ele, a linguagem serve, sim, a um propósito especial imposto pelo falante no momento do enunciado, mas tal uso seria múltiplo e versátil, enquanto que as funções seriam uniformes. Mesmo que parte desses usos acabe por sedimentar-se em estruturas, tais sedimentos seriam reflexo de usos passados. Haveria um paradoxo nesse processo, pois, se uma forma lingüística é convencionalmente associada a uma função, ela não poderia mais refletir os estados da mente daqueles que a usam para realizar aquela função. Expressões ritualizadas, cumprimentos, etc, que são funcionais, ilustrariam esse paradoxo.

f) Os sistemas lingüístico e comunicativo seriam módulos independentes. Esse é o principal ponto da crítica de Chomsky, que se assemelha à crítica comentada acima quanto a diferença dos objetos de estudo.

No conjunto da obra chomskiana, fica patente que seu pressuposto é a concepção de que a linguagem se vincula com o pensamento e não com a comunicação. O próprio Chomsky ataca explicitamente o funcionalismo, tanto comunicativo como mental. Sua tese sobre modularidade da mente se opõe diametralmente ao funcionalismo mental: A mente estaria organizada em faculdades cognitivas distintas, com estruturas e princípios específicos (Chomsky, 1975; 1980). Embora haja interação, não derivam de um mesmo conjunto uniforme de princípios de aprendizagem. Ao contrário, os sistemas seriam independentes, embora relacionados: Um seria responsável pela habilidade para os aspectos computacionais da linguagem (a sintaxe, fonologia e regras semânticas, a faculdade de linguagem, ou órgão mental). O outro pela conceptualização do objeto referência e de relações como agente, objeto, instrumento, etc., isto é, “relações temáticas” que envolvem uma compreensão do mundo (“um sistema de crenças, expectativas, conhecimentos sobre a natureza e comportamento dos objetos, sobre o seu lugar num sistema do natural, sobre a organização das categorias, das propriedades que determinam a categorização dos objetos e a análise dos eventos). Tal sistema não se derivaria da faculdade de linguagem, mas de algum outro módulo.

Obs. Mesmo, admitindo, por exemplo, para o inglês, que certas regras facilitariam a estratégia perceptual para o parsing, Chomsky minimiza o alcance dessas explicações, que seriam de ordem funcionalista.

Ao separar explicitamente a competência do desempenho, Chomsky chega a admitir explicitamente que uma pessoa poderia saber a linguagem sem ter capacidade de usá-la. Separa a competência lingüística propriamente dita de uma “competência pragmática”.

5. Considerações finais

Algumas das críticas acima podem ser respondidas nos próprios trabalhos de autores funcionalistas. Por exemplo, quanto à crítica à contradição cronológica nas etapas, por exemplo, pode dizer que essas ficam respondidas com a proposta como a de Givón, assumida pelos autores mais recentes da “gramaticalização”: Admite-se um ciclo dinâmico de gramaticalização de formas do discurso:

discurso - sintaxe - morfologia - morfofonêmica - zero.

Quanto à crítica de Chomsky, especialmente no que tange à modularidade, ao admitir um outro módulo onde estaria a competência pragmática, este seria um componente peculiar, que, essencialmente, combinaria dados do módulo computacional e dos sistemas conceptuais. A falta de detalhes, nesse autor, sobre como ele daria conta do uso, aliada ao estado ainda fluido de sua terminologia, não permite aprofundar a importante questão sobre a interrelação entre o módulo lingüístico e o modo pragmático. Assim, fica ainda em pauta o fato de que, mesmo uma teoria formalista precisa dar conta de uma teoria do uso.

Após a longa lista de críticas ao funcionalismo feitas por Dascal (1984), esse autor admite que seria necessária uma teoria do uso, pois nela é que encontraríamos os melhores *insights* para a pergunta sobre a relação de espelho entre a linguagem e a mente.

Mesmo considerando um problema ver a linguagem como espelho ou da comunicação ou do pensamento, Dascal admite que a questão da função comunicativa da língua e de sua correlação com a estrutura ainda não está totalmente explicada e sugere um outro tipo de funcionalismo, ligado à filosofia da mente. A questão passa agora para a controvérsia entre o corpo e a mente.

Pelo funcionalismo mental, os estados mentais não poderiam ser identificados a estados físicos particulares do nosso sistema neural, porque aqueles podem ser atualizados ou exemplificados por vários estados físicos diferentes. A relação entre estados mentais e suas contrapartes físicas é, então, de uma para vários e não uma relação um a um. Os estados mentais (como os *softwares*) poderiam ser ligados ativando-se partes diferentes da máquina (*hardware*). Os estados mentais seriam funcionalmente relacionados aos estados físicos que os atualizariam, mas muitas de suas propriedades significantes poderiam, segundo Dascal, ser caracterizadas sem referência ao *hardware* (a psicologia não pode ser reduzida à neurofisiologia). Todavia, isso não significa que os estados mentais levem a uma existência separada. Ontologicamente, o que existiria seria sempre o *hardware*, ficando, assim, preservado o materialismo.

No quadro acima delineado, as expressões lingüísticas poderiam ser concebidas como um tipo de *hardware* no qual os estados mentais são incorporados (*embodied*): ex. uma crença pode tomar corpo como uma pergunta ou como uma declaração, etc.

Neste espírito, não poderíamos ter relação um a um entre forma lingüística e estado mental. Teríamos que ter um conjunto de possibilidades de formas para cada estado mental. O estado mental estaria funcionalmente relacionado a todas elas, sendo o nível lingüístico um nível a mais de realização de estados mentais abstratos.

Cabe acrescentar que a proposta de Dascal, que por sinal lida todo o tempo com níveis puramente abstratos, acaba sendo também funcionalista,

sem ter contido os demais elementos que constituem a grande vantagem dos trabalhos funcionalistas recentes – a de contribuir para a lingüística pela análise de dados de língua em uso.

As críticas, porém, perdem-se, em minha opinião, quando cotejadas às vantagens. Especialmente a grande vantagem em relação aos estudos formalistas, que é justamente o fato de os funcionalistas basearem-se na língua em uso.

6. Referências Bibliográficas

- Beattie, John, 1977. *Introdução à Antropologia Social*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Bolinger, Dwight, 1968. *Aspects of Language*, Harcourt, Brace & World, Inc.
- Chafe, W. 1970. *Meaning and the Structure of Language*, Chicago: University of Chicago Press
- Chafe, W., 1980. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In W.L. Chafe, ed., *The Pear Stories: Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects of Narrative Production*. Norwood, N. J.: Ablex.
- Chomsky, N., 1975. Reflections on language. New York: Pantheon Books.
- Chomsky, Noam, 1980 [1981]. *Regras e Representações*, Rio de Janeiro: Zahar ed.
- Dascal, Marcelo. 1984. *Pragmatics and the philosophy of mind 1: Thought in Language*. Amsterdam: John Benjamins.
- Dillinger, Mike. 1991. Forma e Função na lingüística. DELTA, 7 (1) 395-407.
- Dik, S..C., 1989. *The theory of functional grammar I: The structure of the clause*. Dordrecht: Foris. (ou Mouton De Gruyter)
- Dirven, R. & Fried, V., eds. 1987. *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia:
- Durkheim, Emile, 1933 [1984]. *The Division Of Labor In Society*, The Tree Press, New York.
- Evans-Pritchard, E. E., 1951 [1962]. *Social Anthropology*, Londres.
- Firbas, J. 1957. "Some thoughts on the function of word-order in Old English and Modern English." SPFFBU 5: 72-100. Brno.,
- Firbas, J. (1966a) "On Defining the theme in functional sentence perspective", *Travaux Linguistiques de Prague*, 1.
- Firbas, J. (1996b) "Non-thematic subjects in contemporary English", *Travaux Linguistiques de Prague*, 2.
- Firth, J.R., 1957. *Papers in Linguistics: 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press.
- Garcia, E. (1975) *The Role of Theory in Linguistic Analysis: The Spanish Pronoun System*, Amstredam: North Holland
- Givón, Talmy, 1979. *On Understanding Grammar*, N.York: Academic Press, 1979.
- Givón, Talmy, 1995. *Functionalism and Grammar*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995
- Givón, Talmy, 1984. *A Functional Typological Introduction*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company,
- Gumperz, John. *Discourse Strategies*, Cambridge University Press, 1982.
- Halliday, M.A.K., 1967. "Notes on transitivity and theme in English", *Journal of Linguistics*, 3.
- Halliday & Hasan, 1976. *Cohesion in English*. Cambridge University Press.
- Havránek, B., 1964., The functional differentiation of the Standard Language. Translation of a Czech paper, 1932, in P.L. Garvin, ed. *A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure, and Style*, 3-16. Washington: Georgetown University Press.
- Hopper, P. & Thompson, S., 1980. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56 (2) 251-99.
- Hopper, P. & Traugott, E. C., 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hyman, L. (1975) "The change from SOV to SVO: Evidence from Niger-Congo", In C. Li, ed., (1975).
- Hymes, D. 1962. "The ethnography of Speaking". In *Anthropology and Human Behaviour*, pp. 13-53. Washington, D.C.
- Ilari, R., 1986. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Kuno, S., 1981. *The Structure of the Japanese Language*, Cambridge: MIT Press.
- Labov, 1966. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- Labov, William. 1972. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Leech, 1980. ???
- Leech, Geoffrey. 1983. *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Li & Thompson. 1981. *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Mathesius, V., 1928 [1964]. On linguistic characterology with illustrations from Modern English. Reeditado em *A Prague school reader in linguistics*. Bloomington: Indiana University Press. pp. 59-67.
- Mathesius, V., 1939 [1947]. On so-called functional sentence perspective. reeditado em *Czech Language and General Linguistics (1947)*. Prague: Melantrich. In Muriel Vasconcellos, 1985. Theme and focus. Cross-language comparison via translation from extended discourse. Georgetown University. Tese de doutorado.

- Malinowski, Bronislaw, 1922 [1961]. *Argonauts Of The Western Pacific*, N.York: E. P. Dutton.
- Martelotta, M., Votre, S.J. & Cezário, M.M., 1996. *Gramaticalização no português do Brasil: Uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Mathesius, V., 1928. "On linguistic characterology with illustrations from Modern English. In *Actes du Premier Congrès International de Linguistes à La Haye*: 56-63.
- Naro & Votre, 1992. "Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma", DELTA 8 (2) 285-290.
- Nascimento, Milton, 1990. "Teoria gramatical e "Mecanismos funcionais do uso da língua". DELTA, 6,(1) 83-98.
- Nichols, J., 1984. Functional theories of grammar. In *Annual Review of Anthropology*. Berkeley: Annual Reviews Inc.
- Pontes, Eunice, 1987. *O Tópico no Português do Brasil*, Campinas: Pontes Editores.
- Radcliffe Brown, A. R., 1952. *Structure and Function in Primitive Society*, Londres.
- Sankoff, Gillian. 1980. *The Social Life of Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Silva-Corvalán, C., 1983. Tense and aspect in oral Spanish narrative. *Language*, 59:760-80.
- Silva-Corvalan, C. 1982. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish. In J. Amastae and L. Elias-Olivares (eds.), *Subject Expression and Placement in Mexican-American Spanish*, Cambridge: Cambridge University Press, 93-120.
- Silverstein, M., 1976. "Hierarchy of features and ergativity", in R. M. W. Dixon, ed.
- Slobin, D., 1982. "The acquisition and use of relative clauses in Turkic and Indo-European languages", Berkeley. University of California, Berkeley. mimeo.
- Tarallo, L.F., Kato, M. et alii, 1992. Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In Ilari, R., org., *Gramática do português falado* vol. II, p. 315-353.
- Votre & Naro, 1989. "Mecanismos funcionais do uso da língua". DELTA 5 (2) 169-184.
- Venneman, T., 1973. "Explanations in linguistics", in J. Kimball, ed., *Syntax and Semantics*, vol.2, New York: Academic Press.
- Van Valin & Foley, 1984. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van Dijk, T. A., 1981. *Studies in the pragmatics of discourse*. Berlin: Mouton.
- Weiner, E.J. & Labov, W., 1983. "Constraints on the agentless passive". *Journal of Linguistics* 19:29-58.